

Lembranças de nossa realidade

“Não esqueças: somos pó e ao pó vamos voltar”. É com base nessa máxima que os cristãos católicos iniciaram semana passada, na quarta feira de cinzas, o período religioso da quaresma. A despeito de ser uma data essencialmente religiosa - e por este motivo estar carregada de um significado espiritual muito profundo - é bem verdade que a mensagem da quarta feira de cinzas toca também realidades muito humanas e concretas.

Não há pessoa no mundo que negue essas duas realidades, de que somos matéria, um punhado de carbono, e de que fatalmente iremos, algum dia, cedo ou tarde, inesperadamente ou com aviso prévio, falecer, devolvendo à natureza a mesma matéria que noutro dia nos constituiu. Especialmente após o carnaval, período em que se acostuma ativar com maior intensidade os sentidos da carne, essas duas concretudes da vida tem muito que nos ensinar.

A realidade da nossa composição deve nos dotar de alguma humildade. Regra sem exceção, que nivela na mesma medida absolutamente todos os seres humanos, alcançando os ricos e os pobres, os bons e os ruins, somos todos igualmente pó. Nessa perspectiva, qual seria o fundamento para tantas vezes nos dominarmos pela vaidade, arrogância e até mesmo pelo desrespeito aos demais? Somos pó! Acaso um pó pode valer mais que outro? Se a natureza, na criação, nos nivelou na composição, nossa inteligência, em vida, deve constantemente nos recordar que compartilhamos da mesma dignidade, apesar das evidentes diferenças que nos individualizam.

A realidade da morte, por sua vez, confere maior sobriedade à própria vida. Cientes do destino inevitável do corpo - padecer e devolver o pó que o compõe - e de sua brevidade - no máximo algumas décadas, um instante na história - o pouco tempo que nos é destinado torna-se o bem mais precioso de todos. Vivemos sem a menor garantia de quando nosso relógio biológico parará e é justamente essa incerteza que dota o tempo - e a própria vida - de um valor incomparável, pois, sendo único, não volta e um dia acaba.

Espiritualmente, a mensagem da quarta feira de cinzas reúne essas duas concretudes humanas e as eleva transcendentemente. A fugacidade e fragilidade da vida humana não são um fim em si mesmo e muito menos o final da história, mas uma recordação saudável de que a transitoriedade terrena deve ganhar sentido na realidade eterna. Por isso, as cinzas marcadas nas testas dos fiéis nesse dia simbolizam antes uma esperança no que virá após a curta jornada terrena do que uma reflexão fria sobre a morte.

Não por outra razão, os cristãos católicos inauguram na quarta feira de cinzas a quaresma, período em que se prepararão através da penitência, oração e obras de caridade para a festa da Páscoa, em que celebrarão a ressurreição de Jesus. Para esses devotos, portanto, o sentido espiritual de um dia como a quarta feira de cinzas é, no fundo, trazer a mensagem de que mesmo realidades duras e impactantes, como a dor e a morte, podem adquirir uma nova dimensão, positiva e esperançosa, quando conectadas a um sentido maior.

A quarta de cinzas é um dia convidativo à reflexão. Crente no além ou não, como é importante manter na mente e no coração a lembrança de nossa realidade. Lembremo-nos sempre e não nos esqueçamos, memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris — somos pó e ao pó hamos de voltar.

Marcos Moraes é bacharel em história, advogado e membro do IFE Campinas (marcos.jimoraes@gmail.com).

Artigo publicado no jornal Correio Popular, edição de 13 de março de 2018, Página A2 - Opinião.

Otimistas embriagados

Conversar com sujeitos embriagados pelo otimismo é sempre interessante. Eles vivem num outro mundo, composto por sistemas e ideias que são facilmente modificáveis. Tira-se uma peça daqui e a coloca ali. Se for preciso, vez ou outra, convém trocar todas as peças por outras novas, mesmo que nunca tenham sido testadas. Também vale criar novas regras de encaixe, por mais bizarras que pareçam num primeiro olhar e até peças que não sejam encaixáveis entre si.

Para eles, os problemas políticos, econômicos e sociais são questões de ordem técnica exclusivamente: põem-se na prancheta as variáveis, inventa-se uma nova equação e se ajusta em larga escala. Pronto. Um novo arranjo é o suficiente para que todos possam caminhar rumo à felicidade e, o que é melhor ainda, todos os esforços são colocados num plano abstrato, sem qualquer necessidade de intervenção do dado individual na busca da própria excelência pessoal.

O problema dessa visão de mundo reside justamente no desconhecimento real e prático da condição humana, causado por um rebaixamento antropológico dos indivíduos: todo mundo seria igual e se comportaria da mesma maneira sob idênticas circunstâncias.

Essa petição de princípio, falsa em suas premissas, deve ser temperada por uma dose de ceticismo. Não do genuíno ceticismo grego, o que me faria duvidar, no final, daquilo que já teria escrito há pouco no começo, mas de uma atitude de questionamento para opiniões e crenças que são apresentados como fatos incontestáveis. Eis o bom cético.

Questões como as atuais e reinantes pautas de gênero, descriminalização das drogas, multiculturalismo, casamento entre pessoas do mesmo sexo, abolicionismo penal, justiceiros sociais, entre outras, caminham pelas sendas impecáveis imaginadas por aqueles mesmos otimistas.

Nessas pautas, esses otimistas buscam eliminar as velhas rotinas e mudar as coisas em proveito próprio. Estão tão propensos a consultar uma longa tradição destilada pelo tempo como um exército em debandada está propenso a defender suas posses territoriais. No fundo, esses otimistas almejam estar do lado vitorioso e com o menor esforço pessoal possível.

O bom cético não é uma vela ao vento: evita se influenciar pelas correntes, enfatiza as restrições e os limites, lembra-se da imperfeição e da fragilidade da condição humana e, em suas deliberações, os mortos e os não nascidos têm voz, porque se sente inserido numa cadeia de tradições e numa continuidade histórica, onde o devir é alimentado por uma esperança com os pés no chão.

O bom cético não idolatra os seres humanos, mas perdoa seus defeitos e luta por sua emancipação. Limita nossas ambições na esfera pública, mantém abertas as instituições, dá valor a alguns

costumes imemorialmente estabelecidos e se aprimora das falhas verificadas. Não mira algum novo arranjo em que erros nunca serão cometidos, como se dá no caso das ideologias. Não quer uma para viver.

O bom cético reconhece que a sabedoria raramente está contida numa única cabeça e é mais provável que ela não esteja nos esquemas e planos cartesianos dos otimistas de plantão. Tome-se, por exemplo, a crescente tendência de transferência da culpa e do ressentimento. Como diz um amigo, “a culpa é minha e eu a coloco em quem eu quiser”. Quando o infausto atinge-me, arranjo um motivo para buscar uma coletividade ou um ente de razão que o teria provocado e sobre os quais posso lançar a pedra da culpa. A responsabilidade pelo meu erro ou meu fracasso decorre exclusivamente do acerto ou do sucesso alheio e, por isso, não preciso compreendê-lo para saber onde eu faltei.

O conhecimento de que precisamos para entender os problemas humanos não é derivado da experiência de uma única pessoa e não pode ser deduzido aprioristicamente do mundo das ideias ou de uns postulados ideológicos. As tradições sociais importantes não são apenas costumes arbitrários que devem sobreviver ou não no mundo moderno. São formas de conhecimento. Contêm resquícios de muitas tentativas e erros conforme as pessoas tentam ajustar a própria conduta à das demais.

Sugiro aos otimistas embriagados que sigam a sabedoria de Cronos: escutar os mortos e pensar naqueles que ainda não nasceram. Isso começará por lembrá-los de sua natureza transitória num mundo que não lhes pertence, exceto por empréstimo. Eliot dizia ser difícil para o homem suportar tanta realidade. Sem dúvida. Menos para os bons céticos, cujo ceticismo torna essa mesma realidade, apesar dos otimistas embriagados, menos difícil. Com respeito à divergência, é o que penso.

André Gonçalves Fernandes. Ph.D., é juiz de direito, professor-pesquisador, coordenador acadêmico do IFE e membro da Academia Campinense de Letras

Artigo publicado no jornal Correio Popular, edição 25/04/2018, Página A-2, Opinião.

Mais Platão e menos Marx

Vivemos em clima de correria. Da casa para o trabalho, do trabalho para a casa. Nem sequer paramos para olhar à nossa volta. Um dia desses, um amigo de tênis reclamava que não tinha um tempo diário para conversar com a esposa e os filhos.

Como ele é médico, sugeri que passasse a almoçar com os filhos um ou dois dias por semana e fazer um hobby junto com a esposa. Depois de uns meses, o sujeito era outro. “Vi que minha agenda era só fazer isso e fazer aquilo. Não tinha tempo entre ‘um game’ e outro, justamente quando paramos para refletir sobre nosso jogo”.

Quando nos dedicamos à reflexão, alcançamos, aos poucos, os alicerces da realidade e, mesmo que se chegue à algumas conclusões sobre nós e o mundo, sempre será possível se aprofundar mais, nem

que seja para conhecermos melhor a porcaria da qual somos feitos. Um saber fechado e a reflexão excluem-se.

Muitos pensadores finalmente compreenderam o valor da reflexão, quando passaram a contemplar a ordem do universo, o sentido das coisas ou o fim da existência. O homem atual vê boa parte de suas perguntas científicas resolvidas, mas lhe faltam ainda as respostas para seus problemas de fundo ou mesmo para os contratempos mais prosaicos, como no relato de nosso médico, inquieto em não conseguir conciliar a família com os afazeres do consultório e do hospital.

Quem não vive uma vida examinada, termina sua existência encerrado pelo preconceito, pelas opiniões voláteis e pelos modismos de época. É o que mais se vê nas posturas fragmentárias dos indivíduos nas redes sociais. O sujeito copia e cola um trecho de um desses gurus executivos ou desses filósofos de boutique e sai por aí repetindo o que leu como se fosse um papagaio de pirata. Não sabe discernir se aquele saber lhe convém em suas circunstâncias ou não.

Quem não pensa por conta própria, não é livre. Conhecer a fundo nossa cabeça é a melhor maneira de evitar outra igual. É um tipo de remédio - para a cura de muitos de nossos males existenciais - que não se vende na drogaria da esquina, não se retira num posto de saúde ou se requisita na farmácia de alto custo do governo. E tem uma posologia simples: a posologia da busca do conhecimento. De si mesmo e do mundo.

É a mesma posologia de Tales, ludibriado em Teeteto, um famoso diálogo platônico. Desde a antiga greccidade, o oposto da reflexão era o negotium, o que, hoje, corresponderia ao mundo business. Poderíamos até inverter a frase de Marx. O papel da filosofia não é mais o de transformar o mundo, mas de refleti-lo, porque o mundo em que vivemos prefere a realidade dos negocia: fama, dinheiro, poder, glamour e celebridade.

Uma postura reflexiva vai para além do mundo dos negocia, o qual, contemporaneamente, apresenta-se com uma pretensão de totalidade até então desconhecida no Ocidente. A risada da criada trácia sobre a queda de Tales no poço, como narrada por Platão no mesmo diálogo, soa como uma resposta ainda mais alta e contundente do espírito de galhofa atual para com essa postura reflexiva.

O mundo dos negocia enxerga a realidade posta como uma mera matéria-prima da ação humana. E só. Se o mundo passa a ser visto somente de um prisma instrumentalizado e instrumentalizante, não pode haver mais espaço para uma reflexão. Mas não é o fim da linha. A liberdade humana também decai, porque tudo vira funcionalização, utilitarismo e dependência de uma legitimação sempre a partir de uma tarefa socialmente estabelecida.

Longe de negar o valor do mundo dos negocia, a reflexão, quando excede esse mundo, acaba por afirmá-lo. Uma sã reflexão funda-se na crença de que a riqueza autêntica do ser humano não está na estrita satisfação de suas necessidades materiais, mas em sermos capazes de ver a totalidade da realidade que nos circunda. Mesmo que essa realidade se resuma a um problema de agenda familiar. Com respeito à divergência, é o que penso.

André Gonçalves Fernandes é juiz de direito, doutorando em Filosofia e História da Educação, professor, pesquisador, coordenador acadêmico do IFE e membro da Academia Campinense de Letras (fernandes.agf@hotmail.com)

O bom cético

Conversar com sujeitos embriagados pelo otimismo é sempre interessante. Eles vivem num outro mundo, composto por sistemas e ideias que são facilmente modificáveis. Tira-se uma peça daqui e a coloca ali. Se for preciso, vez ou outra, convém trocar todas as peças por outras novas, mesmo que nunca tenham sido testadas. Também vale criar novas regras de encaixe, por mais bizarras que pareçam num primeiro olhar e até peças que não sejam encaixáveis entre si.

Para eles, os problemas políticos, econômicos e sociais são questões de ordem técnica exclusivamente: põe-se na prancheta as variáveis, inventa-se uma nova equação e se ajusta em larga escala. Pronto. Um novo arranjo é o suficiente para que todos possam caminhar rumo à felicidade e, o que é melhor ainda, todos os esforços são colocados num plano abstrato, sem qualquer necessidade de intervenção do dado individual na busca da própria excelência pessoal.

O problema dessa visão de mundo reside justamente no desconhecimento real e prático da condição humana, causado por um rebaixamento antropológico dos indivíduos: todo mundo seria igual e se comportaria da mesma maneira sob idênticas circunstâncias.

Essa petição de princípio, falsa em suas premissas, deve ser temperada por uma dose de ceticismo. Não do genuíno ceticismo grego, o que me faria duvidar, no final, daquilo que já teria escrito há pouco no começo, mas de uma atitude de questionamento para opiniões e crenças que são apresentados como fatos incontestáveis. Eis o bom cético.

Questões como as atuais e reinantes pautas de gênero, de descriminalização das drogas, de multiculturalismo, de casamento entre pessoas do mesmo sexo, entre outras, caminham pelas sendas impecáveis imaginadas por aqueles mesmos otimistas.

Nesses pautas, esses otimistas buscam eliminar as velhas rotinas e mudar as coisas em proveito próprio. Estão tão propensos a consultar o pretérito como um exército em debandada está propenso a defender suas posses territoriais. No fundo, esses otimistas almejam estar do lado vitorioso e com o menor esforço pessoal possível.

O bom cético não é uma vela ao vento: evita se influenciar pelas correntes, enfatiza as restrições e os limites, lembra-se da imperfeição e da fragilidade da condição humana e, em suas deliberações, os mortos e os não nascidos têm voz, porque se sente inserido numa cadeia de tradições e numa continuidade histórica, onde o devir é alimentado por uma esperança com os pés no chão.

O bom cético não idolatra os seres humanos, mas perdoa seus defeitos e luta por sua emancipação. Limita nossas ambições na esfera pública, mantém abertas as instituições e os costumes consagrados pela destilação do tempo e se aprimora das falhas verificadas. Não mira algum novo arranjo em que erros nunca serão cometidos.

O bom cético reconhece que a sabedoria raramente está contida numa única cabeça e é mais provável que ela não esteja nos esquemas e planos cartesianos dos otimistas de plantão. Tome-se, por exemplo, a crescente tendência de transferência da culpa e do ressentimento. Como diz um amigo, “a culpa é minha e eu a coloco em quem eu quiser”.

Quando o infausto atinge-me, arranjo um motivo para buscar uma coletividade ou um ente de razão que o teria provocado e sobre os quais posso lançar a pedra da culpa. A responsabilidade pelo meu erro ou meu fracasso decorre exclusivamente do acerto ou do sucesso alheio e, por isso, não preciso compreendê-lo para saber onde eu faltei.

O conhecimento de que precisamos para entender os problemas humanos não é derivado da experiência de uma única pessoa e não pode ser deduzido aprioristicamente de umas leis universais. Esse conhecimento nos é dado pelos costumes, instituições e hábitos de pensamento que foram sendo moldados ao longo de gerações, por meio de tentativas e erros de seus indivíduos.

Eliot dizia ser difícil para o homem suportar tanta realidade. Sem dúvida. Menos para os bons céticos, cujo ceticismo torna essa mesma realidade menos difícil. Com respeito à divergência, é o que penso.

André Gonçalves Fernandes é juiz de direito, doutorando em Filosofia e História da Educação, professor, pesquisador, coordenador acadêmico do IFE e membro da Academia Campinense de Letras (fernandes.agf@hotmail.com)

Artigo publicado no jornal Correio Popular, edição 26/04/2017, Página A-2, Opinião.

RESENHA; Roger Scruton: “As Vantagens do Pessimismo” (E o perigo da falsa esperança) - por Pablo G. Blasco

LIVRO: Roger Scruton: “As Vantagens do Pessimismo” (E o perigo da falsa esperança). É Realizações. São Paulo. 2015. 207 pgs.

 De que pessimismo nos fala Scruton? Na verdade, trata-se de um discernimento da realidade, de visualizar que vivemos entre seres humanos falíveis, e não num universo de sistemas e ideias que são facilmente modificáveis. Os problemas da humanidade não são questões de ordem técnica, como pensam os que ele denomina otimistas inescrupulosos. Estes são aqueles que acreditam que as dificuldades e desordens da humanidade podem ser superadas por algum tipo de ajuste em larga escala: é suficiente desenvolver um novo arranjo, e as pessoas caminharão para o sucesso. Desse modo, todos os esforços são colocados num plano abstrato e nenhum sequer é situado no campo da virtude pessoal. Essas são as falsas esperanças dos otimistas teóricos que devem ser temperadas com a dose certa de pessimismo, que não é outra coisa mais do que conhecimento real e prático da condição humana. O raciocínio de Scruton é claro, o que associado a uma tradução magnífica, permite acompanhar a lógica do seu discurso sem necessidade de comentários explicativos.

Esses otimistas perigosos e criticados são os que eliminam velhas rotinas, e querem mudar as coisas em proveito próprio. Estão tão propensos a consultar o passado como um batalhão que luta pela sobrevivência está propenso a proteger seus monumentos. O que eles querem é estar do lado vitorioso. Com o menor esforço pessoal possível. O pessimista sensato, não se deixa levar pelas correntes, enfatiza as restrições e os limites, lembra-se da imperfeição e da fragilidade da condição humana. Nas suas deliberações, os mortos e os não nascidos tem a mesma voz, porque sente-se inserido nas tradições e na história. E saber utilizar a dose de pessimismo para temperar as esperanças que, de outra forma, podem nos arruinar.

O pessimismo judicioso nos ensina a não idolatrar os seres humanos, mas a perdoar seus defeitos e a lutar por sua recuperação. Ensina-nos a limitar nossas ambições na esfera pública e a manter abertas as instituições, os costumes e os procedimentos em que os erros são corrigidos e as falhas confessadas, em vez de mirar algum novo arranjo em que os erros nunca são cometidos. O pior tipo de otimismo é aquele que animava Lenin e os bolcheviques, que fazia com que acreditassem que haviam colocado a humanidade na trilha das soluções dos problemas da história, e que fez com que também destruíssem todas as instituições e todos os procedimentos pelos quais os erros podem ser corrigidos.

A utilização principal do pessimismo é retirar aquela postura solitária e conduzir à verdadeira primeira pessoa do plural. As pessoas escrupulosas, que temperam a esperança com uma dose de pessimismo, são aquelas que reconhecem limitações, não obstáculos. (..). Reconhecem que a sabedoria raramente está contida em uma única cabeça, e é mais provável que esteja consagrada em costumes que resistiram ao teste do tempo do que nos esquemas dos radicais e dos ativistas.

Quando falta essa sadia dose de pessimismo para temperar a vida, deixaremos de ver, por exemplo, o mundo financeiro como sendo composto de seres humanos, com todas as suas fraquezas morais e projetos pessoais, e passaremos a vê-lo como composto de gráficos e índices (taxas, juros, moedas) que em si são meras abstrações cujo valor econômico depende exclusivamente da confiança das pessoas nelas. E dá no que dá.

Muito interessante o comentário sobre o fracasso da revolução de 1968, a nível social e econômico. Não foram abaladas as bases das democracias ocidentais. Mas sobrou um reduto que se concentra e domina os departamentos de ciências sociais de todo o mundo ocidental. No coração do curriculum de humanidades podemos encontrar todas as falácias que, na prática, fracassaram nos espasmos revolucionários de 68. Uma falácia utópica, onde eles veem o mundo de um modo diferente. Desprezam a experiência e o senso comum, e colocam no centro um projeto que está “imune à refutação”. Os milhões de mortos ou escravizados não são suficientes para refutar a utopia, mas simplesmente fornecem a prova das maquinações diabólicas que foram postas no seu caminho. Isso é o que caracteriza os estados totalitários: a necessidade constante e implacável de encontrar uma classe de vítimas, a classe daqueles que se atravessam no caminho da utopia e impedem a sua implementação.

Outro ponto de destaque é a transferência da culpa e do ressentimento. “Quando você transfere ao outro o seu ressentimento consegue evitar o custo de compreendê-lo, que é o custo do autoconhecimento. Nada mais cómodo do que dizer que conspiram contra o teu projeto, ao invés de refletir sobre ele, e de confrontá-lo com a experiência quotidiana e histórica (...)O otimista inescrupuloso confronta a crítica com um argumento de transferência de ônus, dizendo que cabe a

você, o pessimista cauteloso, provar que os costumes e as tradições que eu condeno trazem realente uma contribuição para o bem comum. Mesmo os costumes que sobrevivem ao teste do tempo não são argumento que satisfaça os otimistas. Eles nos colocam na disjuntiva de ter que provar que funcionam, que são benéficos para a maioria (...). Quando coisas ruins acontecem, especialmente, quando acontecem comigo, tenho um motivo para buscar a pessoa, o grupo, a coletividade que as provocou, e sobre as quais as culpas podem ser lançadas. É mais uma falácia onde a prova da culpa está no sucesso do outro, que acarreta a minha desgraça. O antiamericanismo tem aqui suas raízes”.

Isso implica deixar de viver por meio de esquemas e planos, não culpar os outros por nossos enganos e fracassos, deixando de pensar a nosso respeito como se fôssemos dotados de algum tipo de inocência angelical que somente a corrupção da sociedade nos impede de exibir e desfrutar. Envolve uma postura de solicitude -com as instituições, os costumes e as soluções consensuais. Envolve um reconhecimento de que é mais fácil destruir do que criar e de que cumprimos a nossa missão na terra se cuidamos do pequeno canto que é nosso e levamos este “nosso” ao coração.

A forma mais simples de explicar o comportamento de qualquer organização burocrática é supor que ela é controlada por uma conspiração de seus inimigos. Como Lenin ilustrou, o pior tipo de governo não é aquele que comete enganos, mas aquele que, ao cometer os enganos é incapaz de corrigi-los. Quando os poderes do governo são divididos de maneira apropriada, e quando aqueles com soberania podem ser destituídos pelo voto, os enganos podem ser remediados.

Traz um pensamento de Burke para o mundo moderno, que faz pensar na insensatez do messianismo que, espasmodicamente, aparece aqui e acolá: “O conhecimento de que precisamos nas circunstâncias imprevisíveis da vida humana não é derivado da experiência de uma única pessoa nem contido nela, e também não pode ser deduzido a priori de leis universais. Esse conhecimento nos é concedido pelos costumes, pelas instituições e pelos hábitos de pensamento que foram sendo moldados ao longo de gerações, por meio de tentativas e erros das pessoas, muitas das quais pereceram no curso de sua aquisição”.

No final do livro, Scruton nos proporciona um bom projeto de vida: “A felicidade não resulta de uma busca do prazer e tampouco é garantida pela liberdade. Ela surge do sacrifício: essa é a grande mensagem que nos chega por meio de todos os trabalhos memoráveis de nossa cultura. Trata-se da mensagem que foi perdida em meio à algazarra das falsas esperanças, mas que, parece-me, pode ser ouvida mais uma vez se devotarmos nossas energias à sua recuperação”. Proposta audaciosa e difícil, porque nos inclinamos uma vez e outra ao engano, a transferir a culpa, a desfocar a perspectiva da verdade. Afinal, como ele mesmo afirma com palavras de T.S. Eliot, “é difícil para a espécie humana suportar tanta realidade”.

Pablo González Blasco é médico (FMUSP, 1981) e Doutor em Medicina (FMUSP, 2002). Membro Fundador (São Paulo, 1992) e Diretor Científico da SOBRAMFA - Sociedade Brasileira de Medicina de Família, e Membro Internacional da Society of Teachers of Family Medicine (STFM). É autor dos livros “O Médico de Família, hoje” (SOBRAMFA, 1997), “Medicina de Família & Cinema” (Casa do Psicólogo, 2002) “Educação da Afetividade através do Cinema” (IEF-Instituto de Ensino e Fomento/SOBRAMFA, São Paulo, 2006) , “Humanizando a Medicina: Uma Metodologia com o Cinema” (São Camilo, 2011) e “Lições de Liderança no Cinema” (SOBRAMFA, 2013). Co-autor dos

livros “Princípios de Medicina de Família” (SOBRAMFA, São Paulo, 2003) e *Cinemeducation: a Comprehensive Guide to using film in medical education*. (Radcliffe Publishing, Oxford, UK. 2005).

Publicado originalmente em 27/03/2017 em

<

<http://www.pablogonzalezblasco.com.br/2017/03/27/roger-scruton-as-vantagens-do-pessimismo-e-o-perigo-da-falsa-esperanca/>>

Tags: Pó, Quarta de cinzas, Realidade,

Fonte: IFE Campinas. Disponível em:

<http://ife.org.br/lembrancas-de-nossa-realidade-marcos-jose-oliveira-iorio-moraes/>